

Convergencia, Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana
Colóquio Internacional “La rencontre”/ Paris 2017
Texto de Lazos Institución Psicoanalítica de La Plata (Argentina)
Autor: Ernesto Vetere

A que encontro se refere?

“*Você está na terra; não há cura para isso!*”

Samuel Beckett, em Fim de Partida

Existe um lado escuro da condição humana que se resiste ao encontro. Essa dificuldade estrutural vem acompanhada de outras associadas ao discurso de cada época. Na nossa, por exemplo, o ressurgimento das direitas neoliberais reivindica uma exclusão do estrangeiro que atenta diretamente contra os laços sociais. Levantando as bandeiras de uma pretensa identidade nacional, que não é mais que uma simples identidade de classe, esses discursos promulgam um falso encontro entre iguais partindo da rejeição do diferente. Cada sujeito, em sua relação com o Outro e com os outros, terá que se virar com esse misto entre o invariante e o contemporâneo.

Os analistas, tal como o comum dos mortais, estamos atravessados por algumas dessas misérias, tanto pelas misérias neuróticas quanto pelas misérias do mundo. Desse prisma, não é tão incompreensível que nos desencontremos. No entanto, nosso ofício e, principalmente, nossas análises, às vezes, permitem-nos fazer algo diferente com isso.

Nesse sentido, e antecipando a ideia central deste trabalho, acreditamos que as condições para o estabelecimento de um bom laço entre analistas não dependem apenas das particularidades organizacionais das escolas ou das internacionais psicanalíticas. Dependem também, definitiva e principalmente, dos efeitos de um discurso mantido pelas análises dos analistas.

Agora, se salientando este viés pensamos a Convergencia não tanto como um agrupamento de instituições e sim, mais particularmente, como um lugar de encontro entre analistas comprometidos com a transmissão da psicanálise, perguntamos: que singular amarração entre ética e política pode impulsionar seu *movimento*? Que dimensões do encontro poderemos determinar de maneira precisa a partir da incidência do terminável e do interminável das análises dos analistas?

Com o objeto de fazer uma abordagem dessas questões, queremos compartilhar com todos vocês algumas breves e precisas reflexões a respeito de três conhecidas teorias legadas por Lacan sobre a questão do fim de análise. As teorias são: a *passagem de analisante a analista*, o *atravessamento do fantasma* e o *saber-fazer com o sinthome*.

No tocante à primeira dessas concepções, elaborada por Lacan na *Proposição de 9 de outubro...*, ocuparemos-nos de ressaltar somente o seguinte: que dita passagem desencadeia, como efeito, o denominado *desejo do analista*. O desejo do analista constitui um ponto privilegiado de articulação entre a intensão e a extensão da psicanálise. Ele tem a virtude de enlaçar a análise do analista, levado o mais longe possível, no melhor dos casos, até sua conclusão, sua prática, mas também – permitimo-nos acrescentar – seu modo de transmitir a psicanálise e de fazer laço com outros analistas.

“O desejo do analista é sua enunciação”. Lacan nos dirá: esse desejo que habita em um analista, efeito de sua própria análise, afinal se manifesta no ato de dizer, acontece no dizer. E isso é, precisamente, o que “se passa” na reunião de analistas. Quando em qualquer etapa de transmissão o analista toma a palavra – o qual significa que ele se deixa tomar por ela –, faz passar através de seu dizer e de seu estilo a inexistência do Outro, experimentada em sua própria análise. Ali *se diz* o desejo do analista; ali o desejo do analista *diz* esse nada. Porém, trata-se de um nada sempre ligado a uma finalidade: na intensão, que o sujeito se analise; na extensão, que a psicanálise se transmita e que, ao fazê-lo, continue se reinventando. Somente da fugacidade de sua expressão e de seu silêncio, o desejo do analista poderá propiciar um encontro possível: o encontro entre a *causa singular* da análise desse analista e a *causa comum* compartilhada com outros analistas.

A segunda teoria mencionada é a do atravessamento do fantasma. Talvez seja mais acertado oscilar entre o plural, atravessamentos do fantasma, para dar conta do que vai se produzindo, antecipadamente, em diferentes momentos privilegiados de uma análise, e o singular, atravessamento do fantasma, para poder especificar e dimensionar a radical experiência que acontece no final. No entanto, essa radicalidade não implica a dissolução do fantasma. Cai seu fundamento e com ele, sua fixação de gozo. É então o momento quando toda a pulsão dali liberada pode oferecer uma força desconhecida ao desejo. Além disso, o sujeito adquire uma maior plasticidade no armado de cenas com os outros, podendo deixar de escutar a voz dessa espécie de ponto teatral que, até esse momento, insistia em lhe repetir o maçante e trilhado roteiro fantasmático. A partir dessa desconstrução, produz-se um mais além do fantasma; porém, permanece um resto que, às vezes, mesmo que sutilmente, pode chegar a regressar. Obviamente, quando isso acontece, o sujeito advertido de seu fantasma está em melhores condições de sair dali e atuar de outro lugar. Na medida em que nós os analistas façamos um *decidido uso dessa margem de manobra*, provavelmente poderemos favorecer melhores encontros.

Contudo, é preciso amarrar novamente esse real desprendido do fantasma, inventando um artifício no próprio lugar do incurável. Essa invenção – e já entrando na terceira teoria – Lacan a denominará *sinthome*.

O *sinthome* é um conceito muito complexo, com vários ângulos, que Lacan vai elaborando durante o desenvolvimento do Seminário 23. Ao longo do percurso empreendido, várias versões possíveis do *sinthome* podem ser lidas ali: essa função de um quarto elo que amarra a estrutura pode ser desempenhada, em ocasiões, pelo pai nomeador, por uma mulher para um homem ou, inclusive, pelo próprio analista. Mas pensamos que a transformação essencial sobre o nó acontece quando essa função passa a ser mantida e dinamizada partindo de uma práxis, particularmente inventada, por cada sujeito. Uma “práxis qualquer”, dirá Lacan, prevenindo-nos de generalizações idealizantes, pretendendo, por exemplo, que todos nossos analisantes escrevam ou pintem. Para alguns poderá ser pintar ou escrever, para outros consertar encanamentos, ensinar crianças de uma escola primária, escalar montanhas, cantar ópera, fazer cirurgias, reciclar lixo ou transmitir a psicanálise. Nós acreditamos que, dessa perspectiva, fica revitalizada a *função do verbo* em sua tentativa de nomear essa especial amarração. Parafraseando, poderíamos acrescentar então que essa práxis não poderá, ao mesmo tempo, ser qualquer uma: ela deverá levar consigo as marcas íntimas de cada um, revisadas e trabalhadas em uma análise.

Embora o exercício dessa práxis possa ser preexistente ali, na vida do sujeito – às vezes mesmo antes de começar uma análise – poderíamos dizer que é com o desenlace da transferência que o *sinthome* se transformará no novo enlace da estrutura, reparando sua falha e amarrando novamente sua causa. O *sinthome* enlaça no próprio fazer e, por esse motivo, sua eficácia se torna interminável. Isso porque, uma vez criado esse artifício, não poderemos deixar de fazê-lo. Ele adquire o caráter de necessário. Expressado de uma maneira mais simples ainda e nos envolvendo na questão: por acaso muitos de nós os analistas, pensamos em nos aposentar alguma vez? Poderíamos deixar de escutar o inconsciente, o próprio e o alheio? Poderíamos deixar de nos formar, de nos reunir e de transmitir a psicanálise? Poderíamos viver sem *isso*?

Agora, se esse saber-fazer imprime um sentido possível sobre esse fundo de sem-sentido, descoberto pela experimentação da inexistência do Outro, cabe nos perguntar: que maneiras inovadoras ele oferece ao sujeito de habitar a falta e o laço social? Encerraremos então este sucinto percurso pelas mãos de Marguerite Duras. A releitura de algumas passagens de sua obra, mas, principalmente, o encontro com sua tumba, permitirá que arrisquemos alguma resposta a essa última questão.

Em seu ensaio *Escrever*, a autora comenta: “A solidão não se encontra, faz-se. A solidão se faz sozinha. Eu a fiz. Porque decidi que era ali onde devia estar sozinha, onde estaria sozinha para escrever livros. Foi assim. Estava sozinha em casa. Encerrei-me nela, também tinha medo, claro. E depois a amei. A casa, esta casa, converteu-se na casa da escritura. Meus livros saem desta casa. Também desta luz, do jardim. Desta luz refletida no tanque. Precisei de vinte anos para escrever o que acabo de dizer”.

O *sinthome* só pode ser construído a partir da solidão radical. Mais ainda, uma análise favorece a própria invenção dessa solidão essencial, que já não se subjetivará tanto como desamparo e sim, mais precisamente, como liberdade. Não existindo o Outro, não nos resta outra alternativa – felizmente – que a de criar novas e melhores maneiras de nos amarrar à vida.

É obvio que aqui não se trata de maneira alguma de um gozo autista. Pelo contrário, o objeto de gozo que o sujeito obra através desse saber-fazer encontra seu espaço em um laço social, já que esse saber-fazer amarra o gozo ao desejo e a alguma dimensão do amor.

Para poder dimensionar melhor os alcances dessa amarração, queremos compartilhar com vocês um último comentário. Os restos de Marguerite Duras descansam a apenas uns poucos metros daqui, no Cemitério de Montparnasse. Nesse mesmo lugar se encontram outros grandes escritores. Em cada uma dessas tumbas se pode descobrir alguma particularidade: na do poeta peruano César Vallejo, por exemplo, seu célebre epitáfio: “He nevado tanto para que te duermas”; perto dali, pode-se ler, em um mesmo mármore, os nomes de Sartre e de Simone de Beauvoir, escritos, como corresponde, um ao lado do outro; na de Samuel Beckett não há nada, embora, tratando-se de Beckett, talvez seja conveniente dizê-lo em jargão lacaniano: seguro que ali *há nada*; e a lápide de Cortázar está coberta com muitas palavras afetivas que as pessoas continuam dedicando ao escritor, mas se dirigindo a ele como se estivessem falando com um amigo ou com um irmão mais velho e, logicamente, tampouco faltam os cigarros, os cronópios, as famas e os jogos da amarelinha, cuidadosamente desenhadas sobre a pedra.

Na tumba de Marguerite Duras, porém, existe um detalhe único e comovedor: no interior de um grande vaso, cravadas sobre a terra e mescladas com algumas flores se pode encontrar, acompanhando a escritora, dezenas e dezenas de canetas... Pessoas do

mundo todo se aproximam a esse lugar para deixar a sua. Cada um saberá o que o leva a fazer isso: se essa caneta equivale a uma oferenda, a uma homenagem, a um gesto de agradecimento ou inclusive a uma espécie de pedido mágico para que, de algum lugar do universo, ela possa continuar escrevendo. Mas a verdade é que o objeto escolhido para ser oferecido à escritora não se refere a nenhuma qualidade de sua pessoa, a nenhum de seus livros, sequer a nenhuma de suas frases mais célebres e sim ao próprio fato de *escrever*. Todos esses laços sociais foram engendrados por esse singular artifício: artifício inventado por ela, mas mantido e renovado, ao mesmo tempo, por cada um desses leitores.

No tocante ao tema que nos convoca e para encerrar, salientamos o seguinte: se o saber-fazer com o *sinthome* tem um efeito decisivo sobre a estrutura, embora não definitivo, é porque amarra, uma e outra vez, sobre esse lugar êxtimo, esse lugar de encontro entre a solidão e os outros.

Apoiando-nos no expressado anteriormente, queremos lhes apresentar nossa proposta: que Convergencia continue impulsionando seu movimento partindo da política do *sinthome* e da ética do desejo do analista. Com esta proposta expressamos também nosso anelo: *que transmitindo a psicanálise, continuemos nos encontrando*.